

ENTREVISTA À MINHA NETA MARIA SOBRE O 25 DE ABRIL*

1. – *Avô, quantos anos tinhas no 25 de Abril?*

- Eu nasci em Dezembro de 1939. Tinha, portanto, 34 anos.

2. - *Como soubeste que tinha havido a revolução?*

- Eu estava em Paris, a preparar o meu doutoramento. E estava a residir na Casa de Portugal, na Cidade Universitária de Paris. Logo de manhã, quando ia sair para o Instituto onde trabalhava, o Director da Casa chamou-me e levou-me a uma sala onde a televisão francesa estava a dar notícias sobre a revolução em Portugal. Foi assim que eu fiquei a saber.

3. – *Ficaste muito contente? O que fizeste?*

- É claro que fiquei contentíssimo e festejámos logo, eu e outros amigos portugueses que estavam também na Cidade Universitária. Pouco depois, apanhámos o metropolitano e fomos à Livraria Portuguesa, no *Quartier Latin*, onde costumavam encontrar-se portugueses que viviam em Paris e eram contra o governo português da ditadura. Confirmámos que os democratas tinham vencido os ditadores.

4. - *E depois, vieste embora porquê?*

- Desde que soubemos que a ditadura tinha sido derrubada, eu e alguns amigos que viviam na Cidade Universitária só falávamos disso, mas não tínhamos muitas notícias sobre o que se estava a passar aqui em Portugal. Nessa altura era caro telefonar, nós não tínhamos televisão nos quartos e a TV francesa não dava tantas notícias como nós gostávamos. Então, no Domingo a seguir ao 25 de Abril, depois do almoço, um colega que tinha carro lá em Paris perguntou de repente: quem quer ir a Portugal ver a festa? Meia hora depois, cinco amigos partimos de Paris a caminho de Coimbra. Demorámos 26 horas a chegar, viajando de dia e de noite, com duas paragens breves para comer qualquer coisa, beber um café, lavar a cara num chafariz e mexer um pouco as pernas.

5. - *E porque é que ficaste contente?*

- Porque o governo que foi derrubado em 25 de Abril de 1974 era muito mau. Impediu que Portugal se desenvolvesse, condenando os portugueses à pobreza. Por isso é que muitos tiveram que emigrar.

Esse governo também nos obrigou a uma guerra que durou treze anos, contra os povos das colónias que queriam ser livres. Nessa guerra morreram muitos jovens portugueses e muitos jovens africanos. O Tio Luciano e o Tio Manuel Pedro andaram nessa guerra, na Guiné e em Angola.

Esse governo também era mau porque não gostava da liberdade e punha na cadeia as pessoas que não pensavam como ele. Muitas pessoas estiveram presas dezenas de anos só por isso e algumas foram mortas.

* A Maria tinha entre nove e dez anos quando me pediu esta entrevista, para um jornal da Escola ou para um trabalho escolar, não me recordo bem.

6. – *Tu também estiveste preso?*

- Praticamente, não. A polícia prendeu-me uma vez, quando eu andava no último ano do Curso de Direito; mas só dormi na cadeia da polícia, em Coimbra, uma noite; ao outro dia, pouco antes do almoço, libertaram-me. Porque não tinham nenhuma razão para me prender.

7. – *Mas então porque é que te prenderam?*

- Porque eu escrevi um postal para a cadeia da polícia de Coimbra, onde estavam presas, há quase um mês, quatro amigas minhas, entre as quais a tua Tia Guida. Nesse postal eu reproduzia uma nota que tinha saído num jornal alentejano chamado *Democracia do Sul*, sobre “Os mosquitos”. Essa nota dizia mais ou menos isto: os mosquitos são uma verdadeira praga; estão em toda a parte e incomodam toda a gente; ainda um dia havemos de encontrar um remédio que nos livre destes malditos mosquitos e nos deixe viver em paz.

A polícia entendeu – e era verdade – que quando falava de mosquitos eu estava a referir-me aos polícias, desejoso de acabar com essa polícia política, que tanto mal fez a muitos portugueses. E prendeu-me só por raiva. Mas a Tia Guida, depois de sair da cadeia, foi proibida de frequentar a Universidade, durante três anos: queria acabar o Curso de Direito e o governo não a deixou. Só três anos mais tarde foi autorizada voltar às aulas.

8. – *E tu conhecestes alguém que tivesse sido morto pela polícia?*

- Pessoalmente, conheci um, que era da minha terra, de Pinhel: o pintor José Dias Coelho. Os pais dele viviam ao pé da oficina do meu pai e duas irmãs dele foram minhas colegas no Colégio. Quando o mataram (fez agora em Dezembro, salvo erro, 45 anos), a filha dele, a Teresinha, ainda pequenina, foi viver para Pinhel com os avós dela, e passava muito tempo na oficina do meu pai, sentada num banquinho a fazer desenhos (como tu agora fazes em casa do avô).

9. – *O meu pai diz que tu foste membro do Governo, a seguir ao 25 de Abril. É verdade?*

- É verdade. Eu vim a Portugal depois do 25 de Abril, não foi? Pois na véspera de regressar a Paris fui convidado para ir para Lisboa como Secretário de Estado no Ministério da Educação. A avó é que, nas férias grandes, foi a Paris buscar todas as coisas que eu lá tinha deixado (roupas, livros, etc.). Estive no Governo desde Maio de 1974 até fins de Setembro de 1975. Eu estava em Lisboa, mas a avó, o João Paulo e o teu pai continuaram em Coimbra, onde eu vinha só nos fins de semana. Foi um tempo de muito trabalho, mas foi um tempo muito feliz para mim.

10. – *E achas que o 25 de Abril foi bom para Portugal?*

- Eu não tenho nenhuma dúvida de que foi muito bom. Primeiro, os portugueses ganharam a liberdade: os partidos políticos passaram a existir livremente, bem como os sindicatos; as pessoas podem falar e escrever livremente, sem medo de

ir parar à cadeia ou de perder o emprego. Depois, acabou a guerra nas colónias: não morreram mais jovens portugueses nem africanos nessa guerra injusta, e os povos das colónias (Angola, Moçambique, etc.) puderam ser livres na sua terra. Além disso, os portugueses mais pobres passaram a receber melhores salários e todos passaram a ter direito a uma pensão quando são velhos e já não estão em idade de trabalhar; e todos passaram a ter direito a ser tratados nos hospitais quando estão doentes, sem precisarem de ter dinheiro para pagar os médicos e os medicamentos. Hoje, ninguém é preso só por não concordar com o governo.

O 25 de Abril foi, realmente, uma coisa muito boa. Tu já ouviste, com certeza, até na televisão, as pessoas nas ruas, nos feriados do 25 de Abril e do dia 1 de Maio, a gritar: **“25 de Abril sempre! Fascismo nunca mais!”** O avô também quer que seja assim.